



(IM)PRECISÕES CONCEITUAIS NA TEORIA PSICANALÍTICA: Notas Sobre a Violência e a Agressividade

Barbara Bittencourt Nobre (Bolsista/Apresentadora)¹ – Unifesspa
barbarabinobre@gmail.com

Katerine da Cruz Leal Sonoda (Coordenadora do Projeto)² - Unifesspa
katerine.sonoda@unifesspa.edu.br

Agência Financiadora: CNPq

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Psicologia – Psicanálise - Psicopatologia

1. INTRODUÇÃO

A noção de ‘Violência’ é muito utilizada no sentido popular, por Freud e comentadores ou mesmo confundida com o próprio trauma e/ou com a agressividade. A violência não chega a ter o estatuto de um conceito psicanalítico em Freud, enquanto a agressividade está bastante bem definida em sua obra, sendo uma concepção central para a compreensão do sujeito freudiano.

Abordar o tema da violência em Freud exige retomar o “mito científico” da psicanálise, seu Totem e Tabu (1913), no qual postula que a civilização se funda em um ato de violência, qual seja, no assassinato do pai da horda primeva. Civilização esta que nasce de um crime e origina as instituições mais importantes da cultura: Estado, família, lei e religião. Ao se tornarem culpados e reconhecerem sua culpa, os irmãos da horda primitiva criaram a civilização. Toda sociedade humana estaria construída sobre a cumplicidade de um grande crime.

Ainda hoje parece difícil reconhecer que carregamos algo de destrutivo. Resistência esta já encontrada desde Freud, e pelo próprio Freud, com seus escritos sobre a pulsão de morte (também chamada de pulsão agressiva, de dominação, de destruição). Segundo Ferraril (2006), foi a prática clínica que ensinou a Freud o que ele deixou de legado sobre a agressividade. Rastrear o assunto em sua obra é dispor-se, então, a uma árdua tarefa. Significa deparar-se com a constituição do eu/não-eu, prazer/desprazer, amor/ódio, ideal do eu/eu ideal, autoerotismo, narcisismo, sadismo, masoquismo e, principalmente, com a tendência restitutória e a pulsão de morte. Supõe ainda o encontro com o mito do Pai da horda primitiva e exige o esforço de clareza dos termos hostilidade, crueldade, intenção e tendência agressiva, todos eles jogando com *Eros* e *Thanatos*.

Dito isso é preciso diferenciar o fenômeno ‘violência’ dos outros que o tangenciam como é a ‘agressão’. O que é proposto neste resumo é uma separação entre fenômenos tão diferentes, apresentando uma possível distinção conceitual, com base sobretudo na Teoria psicanalítica, entre violência e agressividade, argumentando que apenas esta última pode ser considerada constitutiva do psiquismo humano

2. MATERIAS E MÉTODOS

¹Graduanda em Psicologia - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

²Doutora Psicologia Clínica e Cultura – Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (IESB/FAPSI/Unifesspa). Coordenadora do Curso de Psicologia da Unifesspa e do Programa de Atendimento Psicológico Estudantil.

Foi efetuada revisão bibliográfica em bases de dados especializadas e em textos clássicos que abordam o tema proposto, com destaque para os textos de Sigmund Freud (1913, 1915, 1927, 1930), Ilka Ferraril (2006) e Jurandir Freire Costa (1989, 2003).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentro do próprio movimento psicanalista o reconhecimento da pulsão agressiva foi lento. O desenvolvimento e a formulação do conceito de “Pulsão de morte” foi a forma que Freud sugeriu para dizer que o sujeito se edifica sobre um fundo que supõe destruição. Algo na vida falha desde o início. O masoquismo primário, já esboçado em “Além do princípio do prazer” (1920) e desenvolvido no artigo “O problema econômico do masoquismo” (Freud, 1924), é um exemplo da expressão de que a vida é prisioneira da morte.

Foi apenas em 1920 que Freud apresenta a agressividade como uma força autônoma, originária e independente da sexualidade (ainda que as questões da repetição, do mal estar e da destruição tenham aparecido em textos predecessores). Em Além do Princípio do Prazer, a pulsão de morte é nomeada e relacionada com a noção de agressividade e destruição. Aqui Freud demonstra o potencial de destrutividade psíquica, possível em Freud frente aos horrores da Primeira Guerra Mundial (a última guerra de Freud).

Para Freud, o homem é intrinsecamente mau e destrutivo, tendo que ser contido em seus desejos e pulsões pelas forças civilizatórias. Essa agressividade constitutiva não poder ser considerada responsável pela violência na história e na cultura. Não se pode falar em violência instintiva nem constitutiva. A inclinação constitutiva do ser humano para a agressão fala de uma pulsão agressiva. Seríamos, assim, naturalmente agressivos, mas não violentos. A violência é um fenômeno de outra ordem. Concordamos com a psicanalista Ilka Ferraril (2006) quando esta afirma que agressividade e violência não se superpõem. Para a psicanalista, a agressividade está circunscrita à estruturação do eu e na sua relação com os objetos. Agressividade está mais próxima da pulsão de morte que a violência e é constitutiva da primeira individuação do sujeito. A agressividade está em nós, mas pode ser sublimada, pode ser recalcada, não precisando ser atuada, já que o ser humano conta com o recurso da palavra, da mediação simbólica. Como Freud, Ferraril vai dizer que a agressividade humana não é a que se observa em outros animais, expressa na luta pela conservação da espécie. A agressividade tem outra herança e está inscrita na ordem social, “referente à herança de uma lei a que o humano se submete e faz com que ele articule proibição, hostilidade e ética, como no mito Totem e tabu” (p. 54).

Quando apostamos em uma ‘violência constitutiva’, corremos o risco de postular uma inclinação inata à violência. E esta associação não se sustenta empiricamente porque se tivéssemos uma inclinação inata à violência seríamos todos muito mais violentos. Teríamos taxas de mortalidade por causas violentas muito mais altas do que temos e, mais que isso: estas teriam que ser muito mais bem distribuídas do que o são mundialmente.

O que propomos assim é uma separação nítida e radical entre fenômenos tão diferentes entre si. O que nos constitui não pode ser chamado “violência”. Este vocábulo deve ser utilizado para designar experiências e comportamentos que pressupõem intencionalidade e intenção em destruir. Assim, consideramos que a violência participa do processo cultural humano, mas não pode nos constituir enquanto humanos, estando este processo a cargo da agressão.

Costa (2003) nos lembra de que a fantasia da sedução, por exemplo, é traumática, mas não é em si violenta. O autor afirma que o termo violência em psicanálise “continua sendo confuso, impreciso e, às vezes, claramente estapafúrdio” (p. 12). É preciso registrar que a dificuldade em definir ou precisar o fenômeno da violência não é restrito à disciplina inventada por Freud é uma dificuldade também das ciências humanas e sociais.

O autor afirma ainda que a psicanálise confundiu poder com violência quando concluiu que a violência é o solo da humanização:

Por que seria violento, em si, o aporte libidinal da mãe para o filho, se esta é a condição para que este entre no jogo do prazer e venha a usufruí-lo? Por que seria violenta a ação da linguagem sobre a sexualidade, se esta é a condição para que o sujeito entre no universo da troca, que lhe confere a identidade na ordem da diferença dos sexos e das gerações? (p. 78)

Existe certo abuso terminológico quando se fala de “violência traumática do nascimento” ou de “violência necessária à humanização do sujeito”. Não pode haver violência no gesto ou desejo de quem dá a vida a um outro ou de quem leva este outro a respeitar os tabus da cultura e as leis da linguagem. Falar da violência nesses casos seria tão absurdo “quando afirmar que nossa constituição biológica é violenta por fazermos obedecer a suas leis de rigidez essencial. Seria violenta a necessidade de comer ou a impossibilidade de voar?” (*ibidem*, p. 125).

O autor tenta demonstrar durante toda a primeira parte do livro é que não existe violência sem desejo de destruição, comandando a ação agressiva e, em consequência, que violência não é uma propriedade do instinto. O sujeito violentado é o sujeito que sabe, ou virá a sentir, que foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessários ao crescimento, desenvolvimento e manutenção do seu bem estar, enquanto ser psíquico. Constitui-se em um emprego deliberado da agressividade a um objeto, ou seja, não apenas é preciso que haja intencionalidade para praticar a violência; ela é um fato da cultura e só existe em relação a uma lei. Este tipo de ação porta a marca de um desejo. Assim, *violência é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos* (Costa, 1989, 2003).

Levando em conta os argumentos apresentados por Costa no livro citado, consideramos que o que é indispensável à formação do psiquismo não pode ser considerado violento. Daí a importância em diferenciar a violência da agressão/agressividade.

A violência que mata prematuramente, assusta e avassala famílias inteiras não tem nada de “constituente”. Perder um filho, por exemplo, não é uma experiência de violência primário, ou fundamental ou constitutiva. E, por serem fenômenos completamente diferentes, não deveriam receber o mesmo nome. Não faria objeção se outra palavra (que não *violência*) fosse utilizada para designar estas experiências primitivas. Para ser coerente com o argumento defendido aqui, propomos o uso do neologismo *violentador* (e não agressor) como termo utilizado para referir-se a quem pratica violência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os termos ‘violência’ e ‘agressividade’ não são sinônimos nem a violência é uma expressão da agressividade.

A violência mudou e mudaram também nossas representações sobre ela. Parece que ela passa a fazer parte dos padrões intrapsíquicos, de modo que definimos como violentos certos comportamentos que até bem pouco tempo atrás eram considerados normais ou banais. Conceituar a violência é um esforço difícil de ser concretizado. As teorias que se apresentam hoje não parecem suficientes para explicar o fenômeno. A violência possui historicidade, assim como as teorias e os discursos que se propõem a explicá-la. Assim, cada sociedade, dentro de épocas específicas, apresenta formas particulares de violência.

Concluimos que não se pode falar em seres humanos constitucionalmente violentos. A violência se estabelece e se aprende. Não é uma coisa que nasce com a gente. É um comportamento aprendido, apreendido e imitado. Assim, só é possível falar nesta última quando existe intenção em destruir -, não podendo haver, assim, nada de constitutivo na violência. Diferente da agressividade que carrega em si um componente constitutivo.

REFERÊNCIAS (Conforme ABNT)

COSTA, Jurandir Freire. “Narcisismo em tempos sombrios”. In Percursos na história da psicanálise. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1988. p. 151-176.

COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu: Alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos* [1913] In: Obras Completas, ESB, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Reflexões para os tempos de Guerra e morte* [1915] In Obras Completas, ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio de Prazer [1920] In Obras Completas, ESB, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo [1924] In Obras Completas, ESB, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão* [1927] In Obras Completas, ESB, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Mal estar na civilização* [1930] In Obras Completas, ESB, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FERRARIL, Ilka Franco. "Agressividade e violência". *Psicologia clínica*, n.2, v. 18, 2006, p. 49-62.

OBS: **ENVIAR EM PDF** (NÃO SERÃO ACEITOS ARQUIVOS EM WORD)